

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Reitor
Monsenhor Antonio Raimundo dos Anjos

Vice - Reitor
Paulo Mendes de Aguiar

Pró-Reitora de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação
Nádia Hage Fialho

Coordenador do CEEC
Luiz Paulo Almeida Neiva

Editor
Luiz Carlos Pereira da Silva

Conselho Editorial:
Clímaco César Siqueira Dias
José Alexandre de Souza Menezes
Luiz Paulo Almeida Neiva
Manoel Antonio dos Santos Neto
Mercejane Wanderley Santana

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica:
INTERFIVE - Editoração Gráfica

Revisores:
Luiz Carlos Pereira da Silva
Marcos Rodrigues (INTERFIVE)

Normalização:
Biblioteca Central da UNEB

Capa:
Josefa Bispo dos Santos (D. Zefinha)
e o Cruzeiro da Canudos Conselheirista

Foto da Capa
Antonio Olavo

ISSN 1413-9421

Centro de Estudos Euclydes da Cunha - CEEC

Revista
Canudos

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
R _____
CEEC - BIBLIOTECA

2ª edição revisada 1997

Revista Canudos/Universidade do Estado da Bahia
Centro de estudos Euclides da Cunha.
v.1, n.1 (jul/dez. 1996) Salvador: UNEB, 1996.

ISSN 1413-9421

1. Canudos, Ba - História. 2. Brasil - História -
Guerra de Canudos, 1897.

CDD: 981.05

CDU: 981 "1897"

" REVISTA CANUDOS " é uma publicação semestral de temas que analisa e discute assuntos relacionados ao semi-árido do estado da Bahia, aberto a contribuições externas, desde que estejam de acordo com a linha editorial adotada. Os textos deverão estar digitados em Words for Windows ou outro processador de texto compatível e ter no mínimo 4(quatro) e no máximo 16(dezesseis) laudas. Os artigos publicados são de inteira responsabilidade dos autores, e não refletem a opinião do Centro e/ou da Universidade. É permitida a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte.

A correspondência relativa a colaboração, pedidos de permuta, assinaturas, etc, deve ser dirigida ao CEEC à Estrada das Barreiras s/n-Narandiba, Cabula, Salvador-Bahia.
Telefax nº (071) 387-5924 / 387-5023

CEP. 41195-001

Tel. (071) 385-0197

Telefax (071) 3875920 PPG (071) 3875019 Reitoria

e-mail: unebppg@svn.com.br

AGRADECIMENTOS

Ao Profª Nadia Hage Fialho pelo apoio e pela extrema dedicação.

HOMENAGEM

Ao Prof. José Calasans - notável e querido estudioso de Canudos.

A Dona Maria Josefa dos Santos - " Dona Zefinha "
Filha de conselheirista
(in memoriam)

PREFÁCIO

O empenho da Universidade do Estado da Bahia, através do Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC/PPG, oferecendo esta nova edição do primeiro número da Revista Canudos, é mais um exemplo de uma história que não desiste de fazer-se presente. A primeira tiragem, insuficiente para atender à abrangência de um grande público interessado na temática, esgotou-se, com rapidez. É como se Canudos, mais uma vez, demonstrasse, a todos nós, a grandiosidade da sua amplitude. Ao retomarmos, agora, com uma nova edição, procuramos destacar o sentido de se buscar novos caminhos e de se corrigir trilhas já percorridas, nesses cem anos.

Os artigos aqui contidos se adequam, perfeitamente, nesse “destino” do novo e do inesperado que acompanha Canudos. A expectativa gerada, em torno dos trabalhos dos articulistas convidados, configura-se na alegria de comprovar que, cada um deles, ao invés de somar-se a um outro, expõe muitas dimensões desse importante acontecimento histórico. É gratificante reconhecer que todos estão, de mãos dadas, em torno de Belo Monte.

A edição desse trabalho oferece a oportunidade de confrontarmos com ricos diálogos entre a literatura, a história, a geografia e a economia, não só com contribuições para o entendimento da guerra mas, sobretudo, para o entendimento do Brasil. Com ele, reafirmamos, como todos os estudos nas últimas décadas vêm dizendo, que Canudos não é privilégio de nenhuma ciência ou saber, nem temática exclusiva de um só autor. Canudos é, com certeza, o maior fragmento da Identidade Nacional e por isso tem de ser apropriado por todos.

Salvador, agosto de 1997

Nadia Hage Fialho
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação - PPG

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

ARTIGOS

NOTÍCIA SOBRE CEM ANOS DE FICÇÃO CANUDIANA

Ângela M^ª Rossas Mota de Gutiérrez..... 09

SANTO ANTÔNIO DE CANUDOS

José Calasans..... 23

EM BUSCA DE UM MUNDO NOVO

Marco Antonio Villa..... 25

DO CEARÁ, TRÊS SANTOS DO NORDESTE

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros..... 37

De Juazeiro à Ladeira da Barra: A Inusitada Trajetória da Expedição Pires Ferreira

Manoel Neto..... 55

PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS: CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO

Edivaldo M. Boaventura..... 65

CANUDOS COMO CIDADE ILETRADA: EUCLIDES DA CUNHA

URBS MONSTRUOSA

Roberto Ventura..... 81

CANUDOS: POESIA E MISTÉRIO de Machado de Assis

Clímaco Dias..... 91

CANUDOS: O TEMA LITERÁRIO

Luciano Rodrigues Lima..... 105

FESTEJOS DE SANTO ANTONIO O PADROEIRO DE CANUDOS <i>Elldon Canário</i>	111
UM DEPOIMENTO BRASILEIRO PARA A HISTÓRIA UNIVERSAL <i>Berthold Zilly</i>	127
CANUDOS: JUNTANDO CACOS <i>Gumercindo Martins</i>	137
AS FONTES DOCUMENTAIS DA HISTÓRIA DE CANUDOS <i>Maria Lúcia Horta Ludolf de Mello</i>	147
FESTEJOS DE SANTO ANTONIO EM CANUDOS <i>Equipe Pastoral de Canudos</i>	157
POR UMA ARQUEOLOGIA DE CANUDOS E DOS BRASILEIROS ILETRADOS <i>Paulo Eduardo Zanettini</i>	167
SUPLEMENTO	
REVISITANDO CANUDOS HOJE NO IMAGINÁRIO POPULAR <i>Patrícia de Santana Pinho</i>	173

APRESENTAÇÃO

"Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo.

Expugnada palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia cinco, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores: Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam, raivosamente, cinco mil soldados !"

*Euclides da Cunha
(Os Sertões)*

Há cem anos o Brasil não quis se ver em Canudos. E, fugindo da imagem que esse espelho lhe mostraria, massacrou uma comunidade resultante da exclusão social da maioria.

Canudos foi o Brasil camponês. Negro, índio, e pobre. Canudos foi o Brasil que os brasileiros do Exército, dos senhores de escravos, dos latifundiários, dos políticos e intelectuais que não quiseram enxergar.

A fumaça dos bombardeios ainda fluuava no ar e o Brasil começou a perceber que havia sepultado sua identidade, sua alma. Desde então, intelectuais, artistas e estudiosos vêm procurando expor as feridas desse sangrento episódio.

O Brasil de hoje tenta reconstruir Canudos para entender a sua herança elitista e intransigente.

A Universidade do Estado da Bahia, através do seu Centro de Estudos Euclides da Cunha, vem participando desse esforço apaixonado de reconstrução de

canudos nas mais variadas áreas e esta revista é mais um resultado desta paixão.

Embora este primeiro número seja inteiramente dedicado a Canudos, a revista se preocupa com as diversas áreas do conhecimento que envolvem o semi-árido baiano, suas fragilidades, suas potencialidades e o ordenamento de idéias que apontem para o desenvolvimento sustentável da região.

Os artigos foram escritos por estudiosos atentos à temática de Canudos abordando aspectos inerentes à guerra, à religiosidade, à literatura, e o Parque Estadual de Canudos - local que guarda, com precisão, sítios históricos, arqueológicos e paleontológicos. A revista inclui, ainda, um suplemento que traz a monografia vencedora do concurso, promovido pela UNEB, relativo às comemorações do Centenário de fundação de Bello Monte em 1993.

É de se ressaltar que o lançamento desta revista se insere num rol de lembranças que a Comissão do Centenário de Canudos está organizando para o Ano Canudos (21 de novembro de 1996 a 05 de outubro de 1997).

Revista Canudos. Sinônimo mais que perfeito que encontramos para a palavra Brasil. Não morrerá, não se renderá !

Luiz Paulo Almeida Neiva
Coordenador
Centro de Estudos Euclides da Cunha

NOTÍCIA SOBRE CEM ANOS DE FICÇÃO CANUDIANA

Prof^a Dr^a Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez¹

Passados cem anos do início da Guerra de Canudos, quando se empreende ampla revisão do acontecimento que marcou tão dolorosamente a consciência nacional, impõe-se e urge, também, a revisão crítica dos textos que inscrevem Canudos na literatura. No breve espaço deste artigo, noticiarei sobre minha pesquisa em andamento na área da ficção de tema canudiano. Embora a abrangência da pesquisa inclua a análise de textos ficcionais que tocam este tema *a latere* ou que o parodiam, além dos textos dramáticos sobre Antônio Conselheiro ou Canudos, estabeleço aqui um recorte relativo apenas aos romances que assumem o tema canudiano como eixo central da obra.

Uma das observações já comprováveis nesse recorte do *corpus* é a da permanência euclidiana nos romances sobre Canudos. Embora *Os sertões* não tenha sido o primeiro texto literário sobre o episódio - e aqui esquivo-me a retornar à questão da literariedade ou não deste livro, considerando que hoje é ponto assente para a crítica a sua inclusão no acervo da literatura brasileira - institui-se como o livro de Canudos. Além de impregnar-se aos textos de depoimentos memorialísticos, a força germinadora de *Os sertões* na literatura revela-se, sobretudo, na ficção regionalista, e, em especial, no romance de tema canudiano.

Para efeito de análise, agrupamos os romances de tema canudiano em três blocos : os da contemporaneidade de Euclides e dos acontecimentos de Canudos,

¹Professor Adjunto do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará; Doutora em Letras, Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Minas Gerais.

fortemente contaminados pela proximidade da Guerra; os da década de 50, quando já é possível “ver” *Os sertões* e os acontecimentos com relativa perspectiva do tempo, ultrapassado o impacto de meio século provocado pelo trauma do episódio e pela obra euclidiana, e os da nossa contemporaneidade, décadas de 80 e 90, com maior perspectiva temporal e com a experiência histórica, cultural e literária do final do século XX, filtrando a guerra e o livro. No primeiro bloco, incluímos *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos e *Accidentes de guerra* (1905), de Dantas Barreto; no segundo, *Le mage du sertão* (1952), de Lucien Marchal, *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos e *O Capitão Jagunço* (1959), de Paulo Dantas; no terceiro, *La guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa, *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga e *As meninas do Belo Monte* (1993), de Júlio José Chiavenato.

No ano seguinte à destruição de Belo Monte, em 1898, foi publicado, com tiragem muito restrita, de 300 exemplares, o romance *Os jagunços*, assinado pelo autor, o mineiro Afonso Arinos, com o pseudônimo de Olívio de Barros. Embora publicado anteriormente a *Os sertões*, é possível incluí-lo na família de textos euclidianos pela interação desta obra com outros textos de Euclides, como bem o demonstra Bernucci, em *A imitação dos sentidos*.²

Antes da publicação de *Os jagunços*, Afonso Arinos, já revelara sua preocupação com o tema de Canudos, publicando, em *O Comércio de São Paulo*, conhecida página sobre a questão da população do Brasil central:

se nos sertões existe uma população dela nada se conhece nem dela cuida o Governo; eis que ela surge, numa estranha e trágica manifestação de energia, afirmando a sua existência e lavrando com o sangue um veementíssimo protesto contra o desprezo a que fora relegada³

Dividido em duas partes, o romance de Afonso Arinos narra, na primeira, a vida no sertão, com foco principal no boiadeiro Luís Pachola: seu encontro com um missionário e os tristes acontecimentos que redundam no assassinato de uma moça que o amava. Impressionado com essa desdita, Pachola decide mudar-se para Belo Monte, a fim de juntar-se ao missionário que vem a ser Antônio Conselheiro.

²Ver BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: Prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

³Apud MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *O sertanejo Afonso Arinos*. In: ARINOS, Afonso. *Os jagunços*. 3ª ed. Brasília: Philobiblion/INL, 1985.

A segunda parte trata da vida na cidade santa, das expedições militares, da luta dos fanáticos, dos últimos dias de Belo Monte, e, finalmente, do esconderijo de alguns jagunços sobreviventes em furnas indicadas pelo Conselheiro, e da caminhada da tribo, sem rumo, pelo sertão. A narração ambígua da morte do Conselheiro e de seu sepultamento, nesse romance, deixa margem à manutenção da crença, difundida antes e depois da morte do Conselheiro, em sua ressurreição.

Três anos depois do aparecimento de *Os sertões*, Dantas Barreto, que já publicara o relato militar *Ultima expedição a Canudos*, em 1898, edita *Accidentes de guerra*⁴. Neste livro (cujo subtítulo é, apropriadamente, *Operações de Canudos*), a parte romanceada é mero pretexto para descrever, sem rigor estratégico e histórico, a campanha da qual o autor participara. Na introdução à sua narrativa, depois de tratar do “legendário Antônio Conselheiro”, referindo-se a seu drama, relata sucintamente a derrota das forças estaduais e justifica o envio das forças do Governo Federal, explicando, a seguir, a motivação de sua narrativa:

Este facto, entremeiado de um episódio romantizado, tal é o objetivo do presente livro, escripto aliás sem exageros e sem paixões, em face de documentos preciosos, com a singeleza da verdade, para leitura dos camaradas que se interessam por estas narrativas de campanha⁵

Em tom de justificativa, o autor lembra que, embora o tema já tivesse sido desenvolvido “com todos os relevos de um talento de raça pelo autor dos Sertões”, volta a abordá-lo “arrastado pelas atrações emocionantes de tão extraordinários acontecimentos, certo da oportunidade que elles ainda envolvem⁶

O enredo amoroso mal ocupa um décimo das páginas da narrativa: o tenente Alberto, do regimento de Moreira César, confia a seu amigo Elias que segue para Monte Santo com muita emoção, pois pensa rever sua namorada de adolescência, Germana, a quem não vê desde que o pai o mandara à capital justamente por discordar de sua paixão por ela, moça de classe subalterna, filha do morador de uma sua propriedade. Ao chegar em Monte Santo, Alberto descobre

⁴BARRETO, Dantas: *Accidentes de guerra. Operações de Canudos*. Rio Grande do Sul: Liv. Rio-grandense/R. Strauch, 1905.

⁵BARRETO. *Accidentes de guerra*, p7-8.

⁶Ibidem, p..8.

que a menina seguira com os pais para Canudos. Posteriormente, Germana é feita prisioneira de guerra, quando o casal se reencontra e decide casar-se:

A expedição tinha o seu episódio romanesco, a sua pagina sentimental, que se resumia no encontro desses jovens amantes, separados por dissensões de famílias desiguais pela fortuna e pelo nascimento, lançados em campos inimigos e a quem a sorte reunira por fim, depois dos sucessos de um combate rancorosamente pelejado. Pouco lhes restava para que atingissem a suprema felicidade; os dias estavam contados e a sua existencia daí em diante seria o ideal do amor. Mais algumas jornadas e tudo estaria concluído, como sonhavam⁷

Atacados por jagunços quando caminhavam um pouco afastados do batalhão, Alberto e Germana são mortos. Somente depois da destruição de Canudos, o tenente Elias pôde dar sepultura aos “restos do saudoso companheiro e sua noiva adorada, encontrados no mesmo lugar em que a fatalidade os deixara para sempre”⁸

Essa narrativa, a não ser pelo episódio amoroso, pouco difere das numerosas narrativas de guerra que o episódio de Canudos propiciou, com suas referências às dificuldades de campanha, à natureza hostil, ao forte temperamento de Moreira César, à ferocidade dos jagunços, à morte de Pajeú, à destruição de Belo Monte. A estrutura narrativa se mostra frouxa e inconsistente, sobretudo na trama amorosa e na pintura dos personagens.

Somente na década de 50⁹, reabre-se o ciclo de ficção sobre Canudos com o romance *Le Mage du sertão*, de Lucien Marchal. Desde o prefácio do autor, depreende-se que *Le mage du sertão* é bem o livro do estrangeiro, escrito para estrangeiros. Depois de informar sucintamente sobre a Campanha de Canudos, acentuando a importância de *Os sertões* na bibliografia sobre o tema, endossa a tese racial de Euclides. Em sua própria composição tripartite - “Les Maciel”, “Canudos” e “La bataille”, o livro também remete à celebre divisão tainiana de

⁷Ibidem, p.273.

⁸BARRETO. *Accidentes de guerra*, p.286.

⁹Fora do Brasil, foi publicada uma narrativa de Robert Cunninghame Graham. *A Brazilian Mystic, Being the Life and Miracles of Antonio Conselheiro*. Nova York: Dodd, Mead, 1920, hoje apontada como versão condensada de *Os sertões*.

Os sertões. O relato, no entanto, em seu desenvolvimento da trama e dos personagens, revela-se o típico romance pitoresco, não faltando cenas de exotismo tropical e de erotismo dos mestiços - *batouqué*, prostituição -, além daquelas de banditismo, tão a gosto de uma mediana visão estrangeira, estereotipada, do país.

Assim, por qualquer motivo ou sem nenhum motivo, é ressaltada a cor ou a raça dos personagens - “Avec cette extraordinaire mobilité d’ esprit du mulâtre”; os seguidores do Conselheiro são descritos como valentões, “plutôt bandits que fidèles”; o Conselheiro é apresentado como um chefe que ameaça os sertanejos com os piores castigos do céu para extorquir-lhes alimentos e outros bens, atraindo malfeitores, capangas, cangaceiros, seduzidos pelas facilidades da pilhagem. Entre as inverossimilitudes e distorções do texto, ressaltam: a qualquer momento, do dia ou da noite, os sertanejos comem feijoadas; Antônio Vicente despede-se de seu tio Miguel em espanhol, com um “adios”; a referência a São Sebastião, talvez por equívoco com relação ao sebastianismo; a data de fundação de Canudos pelo Conselheiro: “Canudos, la ville hallucinée, la ville d’ enfer de serton était fondée. C’ était le 7 mai 1885”.¹⁰

No prólogo de *João Abade*, romance de 1958, do jornalista fluminense João Felício dos Santos, o autor explicita que pretende escrever a história romanejada de Canudos sob ângulo ainda não explorado, de “dentro para fora, sem preocupações senão o arraial e sua gente” e a partir dos cadernos de nota e das cartas de um habitante de Canudos, Julius Cesar Ruy de Cavalcanti, conhecido como o Arlequim, e de informações de um sobrevivente, o jagunço Humberto. Reconhece que, além dos relatos de suas fontes, o livro “teve seu polimento final, (...) na catedral que é a obra de Euclides da Cunha. Nem podia deixar de ser assim.”¹¹ A prefaciadora do romance, Rachel de Queiroz, refletindo idéias correntes à época, inicia o prefácio com referência ao autor de *Os sertões*:

A impressão que se tinha é que Euclides havia encerrado o assunto. Depois dele, o que poderia ser dito? E, por culpa da obra prima, a tragédia de Canudos parecia vedada à inspiração literária, ou exaurida, como um veio de mina velha.

Pois este João Abade que estamos lendo parece que veio quebrar o tabu; e com a singularidade de apresentar o drama de Canudos sob ângulo completamente novo: o da gente do Conselheiro¹²

¹⁰MARCHAL. *Le mage du sertão*, p. 139, 142, 145, 138, 146, 148, respectivamente.

¹¹SANTOS. Antes, um bilhete. In: _____ João Abade. Rio de Janeiro: Agir 1958, p.14.

¹²QUEIROZ. Prefácio. In: _____ João Abade, p. 7.

O romance pretende ser a versão dos vencidos, tentando, como recurso de verossimilhança, imitar a prosódia, a sintaxe, enfim, o linguajar dos sertanejos, mas a narrativa perde a força do *pathos*, dissolvido na pintura folclórica da cor local.

Nascido em Sergipe, Paulo Dantas já escrevera *O purgatório*, romance sobre o misticismo sertanejo, antes de publicar *O Capitão Jagunço*, em 1959. Além de dedicar o livro a Euclides, no cinquentenário de sua morte, “como pálida homenagem êste meu capricho sertanejo”, oferece-o ainda a mais treze escritores, “todos os treze, no tempo e no registro, escritores desaparecidos da Campanha de Canudos, em lembrança e gratidão, pela ajuda que me deram”.

O romance divide-se em duas partes, “O velho e o sertão”, “O sertão e o Conselheiro” e o epílogo, “Delírio e despedida”. Na primeira, o narrador-personagem encontra-se, anos depois da Campanha de Canudos, na estrada de Jeremoabo, com um velho que diz chamar-se Jerônimo e ser conhecido como Capitão Jagunço, e que parecia ansioso por conversar. O velho lembra-nos Riobaldo (*Grande sertão: veredas* fora publicado três anos antes, em 1956), no seu estatuto de velho guerreiro contando suas aventuras de moço e, ao mesmo tempo, expondo suas angústias diante do bem e do mal. Se Riobaldo angustia-se com sua dúvida da existência ou não do demônio, e por conseguinte, da veracidade ou não de seu pacto com o diabo, o Capitão Jagunço angustia-se em saber se foi ou não um traidor de sua gente, ao servir de guia às tropas do governo.

Para justificar-se perante o personagem-narrador: “Ouça-me por favor com atenção e depois, então, prefira o seu julgamento, que dêle muito careço”¹³ mas, principalmente, a si mesmo, o velho jagunço conta sua vida em Belo Monte, onde teria sido castigado e sua mulher morta porque João Abade soubera que ele possuía título de eleitor. Assim, por vingança, aceitara conduzir as tropas do Governo ao arraial de Canudos.

Se o personagem é riobaldiano, sua linguagem também aproxima-se do universo verbal de *Grande sertão*. Diferentemente, porém, do personagem rosiano que, barranqueiro do São Francisco, conta suas histórias ao Doutor, seu hóspede, o velho jagunço é um narrador caminhante que vai percorrendo muitos dos locais de seu drama. Mas como Riobaldo, que não quer retornar às Veredas Mortas, lugar do suposto pacto com o diabo, Capitão Jagunço não entra em Canudos. Também como Riobaldo, Jerônimo preocupa-se com seu próprio discurso: “Preciso contar com tino, senão os fatos se atropelam, baralham-se, dando aquela confusão danada.”; e com os fatos sobrenaturais: “Não quero nada

¹³DANTAS, Paulo. *O Capitão Jagunço*. São Paulo: Brasiliense, 1959 p.10-11.

com as almas do outro mundo (...) E promessa é melhor pagar em vida que depois de morto”¹⁴.

Se Guimarães Rosa soube evitar o contraste entre a fala do jagunço e a do cidadão, criando um imenso diálogo, em que abstrai a fala do interlocutor, conhecendo-se dela, apenas, o que se depreende das respostas do próprio jagunço, Paulo Dantas optou por criar as duas falas, a do jagunço e a do personagem-narrador, não conseguindo, porém, evitar uma impressão de pouca naturalidade no discurso do moço. Enquanto, na linguagem e na pintura do personagem-título, sentimos forte contaminação do estilo rosiano, na descrição do temas canudianos, o autor mantém-se fiel à linha euclidiana, recontando, através do Capitão Jagunço os episódios da vida de Belo Monte e da Guerra de Canudos, já contados por Euclides.¹⁵

Depois dos romances da década de 50, somente em 1981, com o romance *La guerra el fin del mundo*, do peruano Mario Vargas Llosa, ressurgiu a novelística literária de tema canudiano. O Conselheiro vargasllosiano, mesmo sem ser um personagem condutor da narrativa, catalisa todas as grandes ações do romance. Suas palavras (seus conselhos) são o móvel principal dessas ações:

Daba sus consejos al atardecer, cuando los hombres habían vuelto del campo y las mujeres habían acabado los quehaceres domésticos y las criaturas estaban ya durmiendo (...) Hablaba de cosas sencillas e importantes (...) Cosas que se entendían porque eran oscuramente sabidas desde tiempos inmemoriales y que uno aprendía con la leche que mamaba. Cosas actuales, tangibles, cotidianas, inevitables, como el fin del mundo y el Juicio Final.¹⁶

A ação do romance, no que se refere à disposição dos sertanejos para a construção e preservação de Belo Monte, está explicada e justificada pelas lições do Conselheiro. Assim, a fé em suas palavras faz com que a realidade

¹⁴DANTAS. *O Capitão Jagunço*, p.16 e 19.

¹⁵A grande admiração de Dantas pelos dois autores está expressa em seu livro recentemente publicado: Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. *Através dos sertões*. São Paulo: Massa Ohno, 1996.

¹⁶VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*, Barcelona: Seix Barral, 1981, p.322.

sirva apenas para comprová-las: "Las profecías empezaban a ser realidad, las palabras hechos"¹⁷.

Destacam-se, na versão vargasllosiana da campanha de Canudos, os personagens-escritores, contadores de história, os homens-palavra. Os dois personagens-escritores, Gall e o Jornalista Míope, assumindo a função de estranhamento da realidade são os melhores intérpretes da sensação de ser estrangeiro do autor. Gall, aventureiro quixotesco, é o estrangeiro escrevendo para leitores estranhos à realidade narrada. Sua escrita dá oportunidade a Vargas Llosa para explicar, de forma verossímil, dados geográficos, históricos e sociológicos do sertão e do Brasil com olhar do Outro. Gall não consegue transmitir aos sertanejos sua solidariedade, embora fale o português, nem alcançar a comunidade socialista de suas utopias — Canudos —, embora chegue muito próximo de lá. Seus escritos não são lidos, porque seu destinatário, o jornal revolucionário *L'étincelle de la révolte*, é fechado, sem que o aventureiro anarquista venha a sabê-lo.

O Jornalista Míope, apesar de brasileiro, desconhece o que se passa no sertão profundo. Quando, por circunstância de fuga, na debandada da terceira expedição, chega ao arraial de Canudos, já perdera o contacto com o mundo: ao acabar-se a tinta e a última pena de ganso, deixara de escrever; ao quebrar os óculos, deixara de ver. Se, mais tarde, sobrevivente da guerra, o Jornalista Míope pensa escrever um livro, será como testemunho de uma realidade que não viu. Contará o que lhe contaram. De alguma forma, o Jornalista Míope lembra Euclides da Cunha, que manteve sua visão míope da realidade da Campanha de Canudos, enquanto a observou como correspondente de jornal e, que, somente depois, no trabalho solitário da escrita, pôde ter a sua visão de epifania da Campanha. Mas o Jornalista Míope é, sobretudo, disfarce do escritor *tout court* que, na concepção vargasllosiana, enxerga melhor na solidão de seu papel em branco, cumprindo sua vocação solitária.

Assim, os principais personagens-palavra do romance encarnam diferentes ângulos do modelo do escritor: Gall incorpora o estrangeiro, idealista e aventureiro, que recorre outros territórios, sem nunca encontrar seu lugar; o Jornalista Míope é o intelectual desencantado e insciente de seu país que, através de sons e odores de uma realidade que não pode enxergar, descobre um projeto para sua escrita. Ao amar Jurema, a mulher que Gall possuía pela violência, encontra o caminho que o aventureiro não soubera e não pudera trilhar.

¹⁷ Ibidem, p.76.

Não seria demais lembrar uma aproximação entre Jurema e a planta jurema¹⁸. Quem lê *La guerra* espanta-se com o poder de sedução de Jurema. Como se fosse a única mulher do sertão atraí vários homens: é a mulher do pistoleiro Rufino e por ela se apaixonam Gall, o Jornalista Míope e Pajeú. É possível também aproximá-la a Iracema, a virgem que guardava o segredo da jurema, mas, como diz o guerreiro, "na vida, os lábios da virgem de Tupã amargam e doem como o espinho da jurema"¹⁹.

Todos os homens-palavra do romance de Vargas Llosa opõem a palavra oral ou a escrita ao esquecimento, o que vem explícito na afirmação do personagem Jornalista Míope em sua conversa final com o Barão de Canabrava, quando, angustiado com o silêncio que caía sobre a guerra de Canudos, diz que impedirá seu esquecimento através da única maneira que as coisas são conservadas: "Escribiéndolas"²⁰. E, se o próprio autor reconta Canudos, para manter viva a memória desse holocausto, lembremos, porém, que contar Canudos não significa sempre contar um episódio da história do Brasil do século XIX. Pode significar também, como assinala Rama, instalar-se em "brechtiano distanciamiento hasta el pasado para poder hablar del presente con libertad"²¹. Nesse caso, além de propor uma leitura extensiva do drama de Canudos aos dramas atuais da América Latina, o autor pode estar falando de seu próprio drama. A esse propósito, Vargas Llosa declara que *La guerra*, apesar de não conter material autobiográfico, representa-o muito mais do que *La tía Julia y el escribidor* ou *Conversación en La Catedral*²².

Quando o intelectual do nosso tempo, Vargas Llosa, confessa-se seduzido pela figura do intelectual datado do século XIX, Euclides da Cunha, encontra nele, apesar das diferenças impostas pelo largo tempo que os separa, alguns fortes pontos de identificação. Como Euclides, Vargas Llosa projeta seus conflitos de ser dilacerado por polarizações nos fanáticos que povoam sua obra e na própria luta entre civilização versus barbárie, eixo central de seu livro totalizante sobre Canudos. Como Euclides, o escritor peruano sente-se

¹⁸ Recordemos a referência em Os sertões à planta jurema, no final do capítulo IV de "A terra": "As juremas, prediletas dos caboclos - o seu haxixe capitoso(...) feito um filtro mágico". In: CUNHA, Euclides. Os sertões. Campanha de Canudos. 28ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, p.36.

¹⁹ ALENCAR, José de. Iracema. In: ____ Obras completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976, p.1088

²⁰ VARGAS LLOSA. La guerra del fin del mundo, p.341.

²¹ RAMA. La guerra del fin del mundo: una obra maestra del fanatismo artístico. In: ____ La crítica de la cultura en América Latina. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985, p.335-353.

²² Cf. GONZÁLEZ VIGIL, Ricardo. El Perú de todas las sangres. Lima: Pontificia Universidad Católica, 1991, p.380.

um peregrino, o judeu errante, tentando construir a sua nação através do livro total, o manual, a bíblia, o livro adicionado, suntuoso. Como Euclides, Vargas Llosa é o homem que fala (escreve) para agir sobre seu tempo.²³

Um dos mais renomados ficcionistas do fantástico no Brasil, J.J.Veiga, a partir da crença da ressurreição ou do retorno do Conselheiro, ainda presente no imaginário popular do sertão, cria, em seu romance, *A casca da serpente*, publicado em 1989, uma narrativa em que o Conselheiro é retirado vivo de Belo Monte, antes da destruição, e constrói uma nova comunidade: Concorrência. Pautada em princípios diferentes dos de Canudos - democracia, abertura, não-fanatismo -, a "comunidade que serviu de modelo a uma infinidade de outros mundo afora" é, inopinadamente demolida à força, como fora Canudos setenta anos antes:

a estátua de tio Antônio, que completava o visual da praça principal da Concorrência, foi dinamitada pelos invasores em 1965 e seus pedaços jogados serra abaixo (...) E a terra, o chão onde foi a Concorrência de Itatimundé, é agora depósito de lixo atômico administrado por uma indústria química com sede fictícia no Principado de Mônaco²⁴

Nesse livro, em que se conta a saga impossível de outra cidade utópica, construída sobre os escombros dos erros de Canudos, as referências a Euclides da Cunha avolumam-se. Não só as explícitas, que citam palavras do repórter Pimenta da Cunha, muitas para negá-las como as que se estabelecem por oposição, ao tornar possível a construção de um modelo de sociedade incompatível com as teorias raciais expostas em *Os sertões*.

Ao deixar Belo Monte, o Conselheiro transforma-se aos poucos como se fosse uma cobra despindo-se de sua pele. Às mudanças em seus hábitos e em sua aparência - toma banho, corta os cabelos e a barba, joga fora o camisolão de penitente -, corresponde uma mudança em seu modo de ser - passa a tomar decisões consultando seus seguidores, aceita pessoas com outras ideologias e comportamentos, acata o progresso, antes amadidoado, muda o tratamento dado às mulheres, deixa o

²³Ver maiores detalhes sobre a questão em GUTIÉRREZ, Angela. Vargas Llosa e o romance possível da América Latina. Fortaleza: EUFC; Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

²⁴VEIGA, José J. *A casca da serpente*. 4ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p.154.

exagero das rezas, adotando a leitura comentada da Bíblia. Nas palavras do narrador: "Podia ser que ele estivesse se exercitando num programa de viver sem o apoio na Bíblia, para aprender a pensar com mais autonomia"²⁵

Assim, como diz o narrador, "sem dor nem reclamação, o Conselheiro passou a ser tio Antônio" e, "na nova casca", aceita ser fotografado:

É um olhar vigilante, discernidor, mas sereno e sábio. Um olhar que atrai a atenção de quem vê a fotografia e ao mesmo tempo que está sendo olhado, olha também a quem o olha, e diz que ali está quem viu o avesso do mundo e da vida e não enloqueceu, mas tirou conclusões e aprendeu, e agora tem a tranquilidade humilde-orgulhosa de dizer, estou aqui, apesar.²⁶

Para visualizar mais nitidamente a transformação entre as duas imagens do Conselheiro, o de Belo Monte e o de Concorrência, lembremos que uma das características descritivas mais fortes do Conselheiro euclidiano, vargasllosiano era o seu olhar "fulgurante", no dizer de Euclides, ou "ojos que ardían con fuego perpetuo", na expressão do escritor peruano, de uma forma ou de outra delatando o fanático.

Em um dos mais recentes romances sobre Canudos, *As meninas do Belo Monte*, de 1993, o autor, conhecido jornalista e escritor de temas históricos latino-americanos, Julio José Chiavenato, em "Esclarecimento" que antecede a obra, estabelece um especial contrato de leitura: afirma que o livro se baseia em acontecimentos reais, que os personagens históricos falam por suas próprias palavras, tendo pinçado essas falas de documentos históricos, sobretudo daqueles reunidos por Walnice Nogueira Galvão em seu trabalho *No calor da hora*. Ao mesmo tempo, diz o autor, que o livro "é um romance: não saberia contar a tragédia de milhares de crianças, escravizadas ou prostituídas, sem paixão".

A narrativa se desenvolve em dois tempos: no tempo de Belo Monte, acompanhando a vida do arráial, anterior ao conflito armado, a guerra, a destruição, através do olhar da menina Josefa que, sobrevivente da catástrofe, é resgatada por um repórter, passa por um depósito de prisioneiras, é vendida a uma prostituta, revendida a um senhor impotente, e retorna ao sertão com um setemesinho de Canudos, novo profeta; no tempo do personagem, homem sem nome nem

²⁵Ibidem, p.147.

²⁶Ibidem p. 120-121.

história, que demora sua canoa sobre a cidade santa submersa e se imagina Josefa. No tempo nebuloso do presente desse personagem - que parece alcançar seu outro eu, Josefa, através de plantas alucinógenas, a bromélia, a jurema -, há seu encontro com um frade perseguido pelos senhores de terra por ser a favor da reforma agrária, uma fuga em trem e a descrição de seu fim que coincide com o fim do romance:

Seus mãos lutaram para agarrar o mundo , um
hausto de vida não retida, os pés mergulhara
no vácuo, a locomotiva apanhou-o em pleno
ar.Nunca souberam.²⁷

Os principais ingredientes das narrativas canadianas estão presentes nesse romance: a vida de Belo Monte anterior à guerra, a apresentação do Conselheiro e dos principais jagunços, as quatro expedições armadas, a figura de Moreira César, o episódio da procissão de prisioneiros levados por Antônio Beatinho ao *front* do Exército, a degola dos prisioneiros de guerra, a figura do jornalista. Enquanto a maior parte das narrativas termina com a destruição de Belo Monte, esse romance centra-se, especialmente, no *day after*, o destino dos meninos e das meninas, chamados jaguncinhos de Canudos. Ao final, porém, tudo parece voltar ao início com a formação de novo profeta e seu séquito: um homossexual, Josefa e Maria José, outra jaguncinha.

Além de examinar os matizes das relações de afiliação ou de transposição paródica ou satírica dos romances de tema canadiano, aqui brevemente resenhados, com *Os sertões*, outras questões vêm sendo consideradas na análise que estamos empreendendo desses romances, entre elas: as relações entre os fatos ficcionais e os fatos históricos; a transtextualidade dentro do *corpus*, a intertextualidade com relação aos textos memorialísticos, periodísticos sobre Canudos; os pontos comuns entre os romances, de maneira a estabelecer suas características enquanto obras de um mesmo ciclo temático.

As conclusões parciais da pesquisa indicam que, na primeira metade do século, acontece com o romance o que Calasans alerta com relação à literatura de cordel²⁸, e o que Rachel de Queiroz comenta no prefácio a João Abade: a força inibidora da obra monumental de Euclides. Somente na década de 50,

²⁷CHIAVENATO, Júlio José. *As meninas do Belo Monte*. São Paulo: Página Aberta, 1993, p.197.

²⁸Ver CALASANS, José. *Canudos na literatura de cordel*. São Paulo: Ática, 1984.(com colaboração da Fundação Cultural da Bahia),p.6 : “Desde o aparecimento de *Os sertões*, em 1902, até os anos 40, não somente a literatura de cordel como os estudos em geral sobre Canudos não são numerosos. Falava-se mais de Euclides da Cunha do que da Campanha de Canudos.”

na literatura brasileira, animam-se João Felício dos Santos e Paulo Dantas, a buscar caminhos narrativos diferentes de *Os sertões*, embora mantendo, em voz explícita dos autores, a afiliação ao grande livro. Em *Le mage*, a obra atrela-se à ideologia racial exposta por Euclides, mas sem conseguir a genial ambiguidade do mestre, que se sobrepôs pela linguagem ao caráter percível das teorias que ele mesmo propôs.

Nos romances da contemporaneidade, *A casca da serpente* e *As meninas de Belo Monte*, os procedimentos narrativos desrealizam os fatos narrados, ao colocá-los como fruto de sonhos de fantasia utópica ou de alucinação causada por juremas e bromélias, privilegiando, ambos, o *day after*. No romance de Vargas Llosa, atualiza-se sua reverência ao texto euclidiano, embora a sombra de Euclides em seu texto tenha o estatuto de precursor no sentido borgiano do termo.

Impressiona-nos verificar a persistência do texto de Euclides na cultura da contemporaneidade, o que se verifica não somente na literatura, através do romance de tema canadiano, dos que o abordam *a latere* ou dos que necessitam parodiá-lo, como ainda nas artes (lembremos a obra pictural de Tripoli Gaudenzi, na Bahia e de Descartes Gadelha, no Ceará), sem contar, os valiosos estudos que o tema de Canudos e a obra de Euclides vêm merecendo no Brasil e no exterior, favorecidos, pela ampla divulgação do romance de Vargas Llosa, pelas recentes traduções de *Os sertões* e pelo justo interesse que o assunto provoca nas comemorações do centenário da Guerra.

SANTO ANTÔNIO DE CANUDOS

*Dr. José Calasans
Prof. da Universidade Federal da Bahia
e Prof. Emérito da UNEB*

Declarou-nos Pedrão, Pedro Nolasco de Oliveira, compadre do Conselheiro, integrante da Guarda Católica do Belo Monte, que o santo peregrino, pouco antes de morrer, dissera-lhe acabrunhado: "tantas imagens e tantos inocentes pra estes incréus destruírem". A frase foi pronunciada no Santuário, primitiva capela de Canudos, onde eram guardadas centenas de imagens trazidas de pontos mais diversos dos sertões, pelos fiéis conselheiristas. Uma casa sagrada.

Quando naqueles amargurados dias iniciais de outubro de 97, os soldados da República, que destruíram a Casa de Deus, chegaram ao Santuário quase acabado, encontraram reduzidas a destroços aquele mundo de imagens da gente sertaneja. Eram, afinal, os despojos da luta fratricida e cruel. Os vencedores recolheram os santinhos, os crucifixos, os rosários "sobreviventes". Uma chave de prata, encontrada no bolso do hábito de Antônio Vicente Mendes Maciel, coube ao alferes Jacinto Campos, que havia dirigido a tarefa da exumação. Outros achados foram distribuídos entre os vencedores. Alguém recolheu o "longo e complicado rosário do qual pendiam crucifixos e medalhas", registrou o tenente Macedo Soares, no seu livro Guerra de Canudos.

Alvim Martins Horcades, estudante da Faculdade de Medicina, que fez parte do Corpo de saúde da Expedição Artur Oscar, tendo elaborado Uma viagem a Canudos, publicação de 1899, esteve no Santuário onde se encontrou, sepultado sigilosamente, pelos seus seguidores, o cadáver do famoso líder dos nossos sertões, Horcades era muito ligado ao professor Adolfo Frederico Tourinho (1855-1902), por vários anos diretor do Colégio São Salvador, nesta capital. Foi aluno da Casa e aí residiu durante anos. Participante ativo da contenda do Belo Monte, Martins Horcades lembrou-se de recolher

e trazer para a cidade alguns objetos daquele histórico povoado, liquidado nos dias da terrível luta. Apanhou a chave da capela de Santo Antônio, a conhecida Igreja Velha, ofertando ao seu mestre predileto, o já citado doutor Adolfo Tourinho, o velho. O professor, com espírito histórico louvável, entregou ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, com uma carta explicativa, a peça que lhe fora presenteada. O Museu do Instituto guarda a chave da capela, construída pelo Conselheiro, que o padre Sabino Vicente dos Santos, sergipano, vigário da freguesia do Cumbe, benzeu em agosto de 1893, provavelmente.

Horcades também recolheu e ofereceu à dona Maria Francisca Tourinho, esposa do diretor do São Salvador, uma pequena imagem de pedra, Santo Antônio, que a família Tourinho e seus amigos ficaram conhecendo como Santo Antônio de Canudos, hoje religiosamente conservado pela senhora Maria Evangelina Tourinho (Lilita), neta de dona Maria Francisca. Uma verdadeira relíquia. Não temos notícia de qualquer outra imagem colhida no Santuário onde morreu o Bom Jesus Conselheiro. A imagem agora publicada, fotografada por um profissional competente, canudista de escol, Claude Santos, e divulgada na semana do culto ao santo português, às vésperas do Centenário da destruição de Canudos, pode bem servir de apelo no sentido de ser comunicada à Comissão do Centenário da Guerra de Canudos, a existência de outras imagens, que os "incrédulos" não conseguiram destruir. Louvado seja.



Santo Antônio encontrado no Santuário de Canudos pelo acadêmico de medicina Alvim Martins Horcades no final da guerra, em outubro de 1897.

*Altura - 9,3 cm
Material - pedra*

EM BUSCA DE UM MUNDO NOVO.

Marco Antonio Villa

Prof. Adjunto de História da Universidade Federal de São Carlos

Eis que Iahweh teu Deus vai te introduzir numa terra boa:terra cheia de ribeiros de água e de fontes profundas que jorram no vale e na montanha; terra de trigo e cevada, de vinhas, figueiras e romazeiras, terra de oliveiras, de azeite e de mel...nela nada te faltará!...
Comerás e ficarás saciado, e bendirás a Iahweh teu Deus na terra que Ele te dará."

Dt. 8, 7-10

Este ensaio tem como objetivo questionar algumas questões referentes aos movimentos e manifestações religiosas no Brasil, especialmente 'as do final do século XIX e início do século XX, e mais em particular o movimento de Canudos (1893-1897). Selecionei Maria Isaura Pereira de Queiroz, Leonardo Boff, Eduardo Hoornaert, Rui Facó e Edmundo Moniz: a crítica a estes autores não significa, de modo algum, desqualificar seus livros. Parto do princípio de que a polêmica, prática tão em desuso no Brasil de hoje - e tão ácida a cem anos atrás, basta lembrar as divergências entre José Veríssimo e Silvio Romero -, é indispensável para melhor compreendermos o nosso passado.

MARIA ISAURA E A INTERPRETAÇÃO DE CANUDOS.

O livro de Maria Isaura Pereira de Queiroz *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, publicado em 1965 é até hoje referência obrigatória nos estudos sobre movimentos religiosos. ¹ Partindo da categoria messianismo, a autora analisa

movimentos que ocorreram entre tribos no oeste estadunidense, na África, Melanésia, Europa medieval, nos Estados Unidos e Europa no século XIX, além de movimentos messiânicos brasileiros desde o século XVI até o século XX. Segundo Maria Isaura trata-se de escolher “o elemento social suficientemente geral para figurar em todos (os movimentos) e suficientemente rico de modalidades para permitir uma classificação”, pois “todos são dotados de estrutura e de organização, semelhança fundamental que as irmana, e a partir da qual se manifestam as peculiaridades que as separam.” (pp.42-43). É inevitável que nesta postura teórica que se utiliza de uma categoria - no caso, o messianismo - para analisar sociedades tão distantes no tempo e no espaço, a falta de cuidado no momento de interpretar cada movimento em particular, sem esquecer que desconsidera as especificidades pelas quais se manifesta o sagrado.

No caso da comunidade de Belo Monte, a autora reserva 16 páginas (pp.225-241). Logo de início, Maria Isaura intitula o arraial como “Império de Belo Monte” (p.225)), denominação que não foi utilizada por nenhum conselheirista ou pelos seus mais acérrimos inimigos. Na verdade, esta expressão foi anotada por Euclides da Cunha e escrita na reportagem com data de 21 de agosto de 1897, publicada posteriormente em O Estado de São Paulo, que a encontrou em um artigo publicado, segundo suas palavras, em “um jornal modestíssimo e mal impresso, a Pátria, de São Félix de Paraguaçu - nº 38, de 20 de maio de 1894”, e que o próprio autor de Os Sertões deu pouca importância, tanto que não consta do “livro vingador”.

Os conselheiristas são chamados de “turbas de penitentes” (p.225) e a prisão que atingiu o Conselheiro e dois dos seus seguidores em 1876 é ignorada por Maria Isaura. Para ela ocorreu somente algumas desavenças com autoridades locais por “motivos banais” (p.226) pois durante o Império “as autoridades admitiram com benevolência o Conselheiro e seu bando” (p.237). A suposta profecia, provavelmente apócrifa,² encontrada por Euclides da Cunha e transcrita em Os Sertões foi transformada em um “sermão” (p.227) e suas prédicas, que Maria Isaura prefere chamar de sermões, não passavam de uma “oratória bárbara e arrepiadora”, segundo a imagem de Euclides, referendada pela autora. Como sabemos, à época da redação de Os Sertões Euclides não tinha tido conhecimento das prédicas de Antônio Conselheiro publicadas em livro somente em 1974.

¹ Neste ensaio estou utilizando a 2ª edição revista e ampliada publicada em 1977.

² Para mais detalhes ver Villa, Marco Antonio. Canudos. O Povo da Terra. São Paulo. Ática. 1995. pp.231-234.

Apesar de ter como base pouquíssimas fontes, Maria Isaura sente-se em condições de sintetizar a comunidade de Belo Monte nos seguintes termos: “Para que a eterna bem-aventurança chegasse mais depressa, deviam os adeptos sujeitar-se a comportamentos especiais, meios indicados por Deus ao seu mensageiro para que mais cedo se atingisse o Milênio: abandono de toda a riqueza, de todo o luxo, de toda a vaidade, de todos os desejos, a prática da castidade, da humildade, da abstinência, do arrependimento, das penitências. Era vivendo sob as ordens do messias que se conseguia atingir tal estado de perfeição; e era em Canudos, no Império do Belo Monte, que o Paraíso Terrestre se colocava ao alcance dos fiéis. Habitando ali, penetravam no universo sagrado, deixando para trás misérias e sofrimentos da vida terrena e profana. Belo Monte era a Nova Jerusalém.” (pp.227-228) Sem recorrer ao meu livro, especialmente ao capítulo 2, mas trabalhando com fontes conhecidas, não é possível concordar que, por exemplo, a prática da castidade, a transformação do arraial em um paraíso terrestre, em uma nova Jerusalém, tenham sido componentes dominantes no cotidiano de Canudos. É claro que eventualmente um ou outro morador do arraial pode ter manifestado tais crenças mas daí a considerar que eram elementos que determinavam o dia-a-dia da comunidade vai uma enorme distância.

A desconsideração dos fatos e o privilegiamento do modelo teórico é tão acentuado que uma citação de Alvim Martins Horcades, erroneamente atribuída a Henrique Duque-Estrada Macedo Soares, foi truncada para se adaptar a interpretação apriorística de Maria Isaura. Melhor explicando: Horcades escreveu que o arraial dividia-se em duas partes ou bairros: uma habitada pela nobreza, isto é, os mais ricos do lugar, e outra pelos pobres, os que viviam de esmolas; aqueles eram batalhadores e estes pacíficos, inúteis para o serviço das armas.”(p.183) A autora preferiu truncar a citação logo após a palavra esmolas, dando a entender ao leitor que os dois bairros eram habitados por população socialmente distinta, quando Horcades informa que a divisão não era social mas militar, ou seja, os que atuavam na guerra e aqueles que não podiam participar, entenda-se, velhos, doentes, mulheres, crianças. (p.233).

Sem ser enfadonho, mas para demonstrar como estes modelos tem um enorme desprezo pela História, vale citar a seguinte passagem da autora: “Severino Vieira, conhecido político baiano, escreve ao Conselheiro pedindo apoio para sua candidatura ao cargo de deputado federal”. (p.329) A autora cita como fonte Alvim Martins Horcades - jovem estudante de medicina que esteve acompanhando as operações da 4ª expedição - que, na verdade, escreveu “foi encontrada em um baú velho uma carta circular impressa do sr. dr. Severino Vieira, dirigida a um sertanejo pedindo o seu apoio para sua candidatura ao

cargo de deputado federal.”³ Perceba-se a diferença: a fonte utilizada informa que a carta circular tinha sido dirigida a um sertanejo, enquanto Maria Isaura afirma que Antônio Conselheiro teria recebido uma correspondência. Será que são erros meramente de transcrição? Pequenos equívocos?

Para finalizar os comentários de O Messianismo no Brasil e no Mundo, vamos a um último exemplo. Citando Aristides Milton, político baiano ligado ao governador Luis Viana, que escreveu uma memória sobre o conflito e que nunca esteve em Canudos ou nas suas proximidades, Maria Isaura referenda a informação dada pelo autor de que os conselheiristas acreditavam que ressuscitariam logo após a morte, o que poderia justificar o heroísmo da resistência frente as quatro expedições enviadas para destruir o arraial. (p.240) Sabemos que esta crença poderia até existir no arraial mas não fazia parte do discurso religioso de Antônio Conselheiro, como podemos constatar pelas declarações do menino Agostinho interrogado pelos oficiais do Estado-Maior do general Artur Oscar e com a presença de Euclides da Cunha. Ao ser perguntado sobre se o Conselheiro prometia ressuscitar os combatentes mortos, negou tal idéia. Escreveu Euclides: “_ Mas o que promete afinal ele aos que morrem?”

A resposta foi absolutamente inesperada: __ Salvar a alma.”⁴

A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E O BEATISMO.

Outra importante interpretação da História da Igreja e das práticas religiosas no Brasil, e que se reflete indiretamente nas análises sobre a comunidade de Belo Monte, deve-se a obra de Leonardo Boff. É inegável a erudição do autor, sua integridade pessoal - colocada a prova em momentos difíceis - e a contribuição que deu para os diversos temas sobre os quais escreveu. Acabou influenciando os estudos sobre o catolicismo no Brasil principalmente após a publicação de Jesus Cristo Libertador, em 1972. Assim, optei por comentar algumas passagens deste livro dada a sua importância.⁵

Desde o início, Boff enfatiza o que chama de “prática libertadora do Jesus histórico” e “uma fé que visa captar a relevância de temas que implicam uma transformação estrutural de uma dada situação sócio-histórica”. (p.15) Assim,

³ Horcades, Al. Martins. Descrição de Uma Viagem a Canudos. Bahia. Typographia Tourinho. 1899. p. 95, nota 28.

⁴ Cunha, Euclides da. Canudos e Inéditos. São Paulo. Melhoramentos. 1967. p. 80.

⁵ Utilizei a 10ª edição publicada em 1985.

o que importa é o “Jesus político”, construído não pela tradição cristã mas pela conjuntura política da América Latina dos anos 60 do século XX. A ênfase de todo o texto ressalta a importância da libertação da opressão de “estruturas econômicas, sociais, políticas e ideológicas”. Segundo o autor, trata-se de atuar sobre “estruturas e não só sobre pessoas, buscando mudar as relações de força entre os grupos sociais para que nasçam estruturas novas que comportem maior participação dos excluídos”. (p.23) Para Boff, a “cristologia de libertação elaborada a partir da América Latina privilegia o Jesus histórico sobre o Cristo da fé”. (p. 25) Daí é somente um passo para afirmar que a “atuação de Jesus se inscreve no religioso, mas pelo fato de que o religioso constituía uma dos pilares fundamentais do poder político, toda intervenção no religioso tinha consequências políticas” (p. 29), o que o aproxima das interpretações marxistas sobre a religião, em que esta é uma ideologia, uma mistificação do real, que oculta movimentos políticos chamados de “pré-políticos”, como se a linguagem religiosa fosse usada na ausência de outra mais racional, supostamente científica. Assim, o Jesus “histórico” acaba como o fundador de uma ideologia política.

Na época da redação de Jesus Cristo Libertador, o autor ainda acreditava na possibilidade de reformar a Igreja Católica, tanto que considera a “Igreja Católica Apostólica Romana, por sua estreita e ininterrupta ligação com Jesus Cristo a quem ela prega, conserva e vive em seus sacramentos e ministérios, e por quem se deixa continuamente criticar, pode e deve ser considerada como a mais excelente articulação institucional do cristianismo. Nela se logrou a mais límpida interpretação do mistério de Deus, do homem e de sua mútua interpenetração. Nela se encontra a totalidade dos meios de salvação.” (pp. 190-191, grifos do autor). Anos depois, em Igreja, Carisma e Poder, perdeu esperança em reformá-la, efetuando uma crítica duríssima da estrutura de poder da Igreja romana. Mas, paradoxalmente, continua defendendo a unidade da Igreja (p. 126), como se esta questão fosse fundamental para o cristianismo brasileiro. Por outro lado, continua encontrando dificuldade em compreender as formas populares de viver a religião cristã, como fica evidente ao afirmar que “sem o catolicismo popular não vive o catolicismo oficial, sem o catolicismo oficial não se legitima em seu caráter católico o catolicismo popular”. (p. 142, grifos do autor)

Estes livros de Leonardo Boff são emblemáticos das dificuldades encontradas pelos chamados teólogos da libertação. A crítica da estrutura burocrática-autoritária da Igreja e a sua história pregressa intimamente vinculada aos interesses dos donos do poder não vem acompanhada de uma releitura das práticas religiosas populares. Isto deve-se ao não reconhecimento do elemento fundamental da nossa tradição religiosa: a vivência radical da fé,

a profunda espiritualidade, que, de forma nem sempre clara, é menosprezada devido a prevalência de uma leitura político-instrumental da religião, na qual ser místico é ser irracional.

Para exemplificar como alguns pesquisadores seguidores desta visão da religião interpretaram movimentos religiosos, vale citar Pablo Richard. Para ele, nos "movimentos sociais de tipo popular messiânico(...), a religião se mistura ao protesto social(...). O fato de que a religiosidade popular sirva de expressão às insurreições de caráter popular(...)coloca o problema da ambiguidade da religião como protesto e alienação." Assim, Richard ataca a romanização do clero considerando os novos bispos "alheios à realidade latinoamericana."⁶ Cabe perguntar, como os antigos bispos estavam sintonizados à nossa realidade ou se a crítica à romanização encobre na realidade uma oposição ao reforço da centralização da Igreja Católica nas mãos do Papa. Em outras palavras, a suposta identificação desta corrente com o cristianismo brasileiro anterior às reformas de Pio IX (1846-1878), desconsidera o elemento central: a visão totalizante da religião e a inexistência de uma autoridade eclesiástica que formaliza as relações com Deus. Em outras palavras, desconsidera o sagrado popular de forma muito semelhante aos defensores da romanização. Para o sertanejo, a religião não é apenas um instrumento de transformação social, mas a fonte inspiradora de um mundo novo.

Um exemplo mais radical desta corrente são os livros de Eduardo Hoornaert, especialmente *O Cristianismo Moreno do Brasil* e *O Movimento de Jesus*.⁷ Com relação ao primeiro livro ficarei somente em uma citação, a definição de aldeamento: "método do missionário-militar típico do colonialismo português. Espécie de campo de concentração de indígenas sob a supervisão de missionários." (p. 170) A afirmação é tão absurda que merece, no máximo, um breve

⁶ Richard, Pablo. *Morte das Crisandades e o Nascimento da Igreja*. São Paulo. Paulinas. 1982. pp. 86 e 92. Concretamente A homília de D. José Rodrigues de Souza, bispo de Juazeiro (Bahia), quando da celebração de uma missa às margens do açude de Cocorobó, em 28 de julho de 1984, exemplifica de forma concreta esta perspectiva da religião. Segundo ele, três pontos se destacam no "grande sonho de Antonio Conselheiro": a terra não tem dono, o poder deve servir ao bem comum e os bens devem ser partilhados. Sobre a religiosidade da comunidade, sua relação com o sagrado, nenhuma palavra. Ver Souza, José Rodrigues de. 'Apresentação'. In: Lima, Jorge Pereira et alli. *Antonio Conselheiro e a Tragédia de Canudos*. São Paulo. Paulinas. 1986. pp. 6-7.

⁷ Hoornaert, Eduardo. *O Cristianismo Moreno do Brasil*. Petrópolis. Vozes. 1991; e *O Movimento de Jesus*. Petrópolis. Vozes. 1994.

comentário. O panfletarismo de Hoornaert é tão acentuado que para ele não há diferença entre os métodos evangelizadores dos jesuítas e a política de extermínio movida pelos nazistas contra seus opositores reais ou imaginários. Quanto ao segundo livro é o volume inicial de uma História do Cristianismo que pretende "partir da fome, da doença e dos sonhos da humanidade para descrever a história do cristianismo" sendo esta "a originalidade de nosso trabalho, sua identificação com o que os nossos povos vivem." (p. 11) Como há uma inequívoca marca do presentismo sobre a análise histórica são inevitáveis os anacronismos. A Palestina na época de Cristo vivia "numa situação colonial" (p. 45), o surgimento do cristianismo deve ser entendido "dentro da dinâmica de opressão e resistência" (p. 46), e na Galiléia havia "carestia", "falta de política social", "latifúndios para exportação", "oposição entre campo e cidade", "bóias-frias", "guerrilheiros" e os "zelotas lutavam pela reforma agrária" (pp. 50-63). É preciso citar também que Hoornaert encontra "aburguesamento" (p. 124) em trechos de Lucas e Paulo.

Hoornaert e seus livros representam o pior anacronismo histórico, chegando a lembrar os velhos manuais de história soviética. Não é exequível imputar a um suposto caráter popular dos textos a linguagem pouco ortodoxa pois os leitores seriam a massa dos pobres. O problema não é a linguagem mas o profundo desconhecimento da História.

MARXISMO E BEATISMO.

Já os marxistas ao tecer considerações sobre os acontecimentos da História do Brasil, das últimas décadas do século XIX e das primeiras deste século tiveram de enfrentar os movimentos religiosos que ocorreram nestes anos. Convencidos que detinham um método científico - para muitos, o único - que possibilitava compreender todas as áreas do saber das Ciências Humanas, facilmente solucionaram as dificuldades colocadas pelos movimentos religiosos. Como não reconheciam nos "fanáticos" os agentes de sua própria História e, ao mesmo tempo, não podiam desprezar a luta de milhares de camponeses, encontraram a solução desqualificando estes movimentos. Rui Facó em *Cangaceiros e Fanáticos*⁸ - livro póstumo, publicado em 1963, em um momento que o Partido Comunista acreditava estar muito próximo de tomar o poder - considera que "os fenômenos de misticismo ou messianismo, que se convencionou chamar de fanatismo, disseminados pelos sertões em nosso passado ainda recente, tem um fundo perfeitamente material e servem apenas de cobertura a este fundo. É a sua exteriorização. Em populações submetidas

⁸ Facó, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1988.

à mais ignominiosa exploração e mergulhadas no mais completo atraso, sob todos os aspectos, a razão estava obscurecida e transbordavam os sentimentos em estado de superexcitação.” (pp. 9-10) Mais a frente, ao concluir a análise de Canudos, escreveu: “Havia simultaneamente um surto de misticismo religioso entre aqueles miseráveis ignorantes? Não há dúvida. Mas isto não invalida a afirmação contida nos próprios fatos: eles travavam uma luta de classes. Inconscientemente, não importa, mas uma luta de classes.” (p. 124)

Na mesma linha interpretativa, procurando adaptar Canudos aos movimentos de contestação europeus, o historiador Edmundo Moniz desenha um perfil do líder de Canudos, que o aproxima da tradição socialista do Velho Mundo. Para ele, “Antônio Conselheiro tinha um pouco de Tomas Munzer, de Tomas More, de Pugachev, de Fourier e de Owen. Por força do momento histórico em que viveu, há, em seu movimento, a fusão das idéias que promoveram, no campo, os levantes igualitários dos séculos XVI, XVII e XVIII com as utopias do renascimento e do século XIX.” Segundo Moniz, numa das suas prédicas “Antônio Conselheiro relata que Tomas More não quis submeter-se a Henrique VIII, de quem fora Chanceler-mor, preferindo a morte, apesar dos rogos da esposa, a transigir com o rei quando este rompeu com o Papa criando a Igreja Anglicana. Se Antônio Conselheiro conhecia esta passagem da vida de Tomas Morus é porque lera, certamente, sua biografia. E qualquer biografia de Tomas More deveria conter um resumo da Utopia. Tudo, porém, leva a crer que Antônio Conselheiro chegou a ler este livro, cuja influência é tão clara na obra que se propôs a realizar.”⁹

O máximo que Moniz consegue obter com o modelo que utiliza é igualar o Conselheiro aos socialistas utópicos europeus, como se não houvesse nenhuma possibilidade de desenvolver uma comunidade baseada na tradição nacional. De fanático, o Conselheiro se transforma em cuidadoso leitor de Morus. Moniz chega a recriar o ambiente que cercava as festas de Belo Monte, sem citar nenhuma fonte: “Canudos não se caracterizava pela tristeza. Ao contrário, seus moradores eram alegres, despreocupados e felizes. Nas festas religiosas, sobretudo nas do Divino, a cidade embandeirava-se, estouravam os foguetes e havia música, dança, canto e desafios ao violão. Os homens, vestidos com roupas de couro, disputavam tiro ao alvo ou demonstravam a sua destreza dominando os novilhos no curral, diante da assistência atenta e ruidosa. As mulheres, com flores nos cabelos e vestidos de ramagens coloridas, tomavam conta das barracas onde se distribuía pastéis, doces e bebidas sem álcool. De repente, soavam os sinos. Em seguida, havia um instante de silêncio e de

⁹ Moniz, Edmundo. *A Guerra Social de Canudos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, pp.30-31.

unção. Antônio Conselheiro, com sua túnica azul, aparecia na torre da igreja e abençoava o seu povo, erguendo o braço num gesto lento.”¹⁰

A religião, que é um obstáculo epistemológico para os marxistas, acaba sendo descartada, desconsiderada. A questão é que ao invés do ópio do povo, a religião acabou possibilitando aos dominados construir sociedades que não encontram paralelo na tradição revolucionária ocidental, tributária da Revolução Francesa. Em outras palavras: a religião acabou transformando-se no principal elemento constitutivo destas comunidades, dando tal coesão a elas que nem a mais violenta repressão estatal conseguiu fazer com que desistissem do projeto construído de forma autônoma, como foi o caso de Canudos. É isto que acabou transformando estes movimentos em eternas lembranças para os dominados, enquanto os projetos de dominação da elite ou os formulados pelos opositores da ordem capitalista, especialmente aqueles patrocinados pelos partidos comunistas, acabaram caindo no esquecimento.

UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO.

O longo período desde a constituição do cristianismo até os tempos modernos transformou a religião em uma ideologia justificadora da ordem social. Neste processo foram se desfazendo as raízes fundadoras da religião que não se constituiu para enfrentar os dilemas de uma sociedade de classes. Quanto mais distante do mistério criador da nova fé, maior as tentativas de racionalizá-lo, de adaptá-lo a uma determinada conjuntura histórica, redundando no distanciamento da religiosidade originária. O passado foi se transformando em um estorvo que necessitava ser removido permitindo a reprodução de uma religiosidade burocrática, paradoxalmente cada vez mais secular, mais distante do sagrado.

A busca da racionalidade da fé, já presente em Paulo (At 17, 16-34), é um fator permanente na história do cristianismo. A expansão da religião entre as

¹⁰ Moniz, Edmundo. op. cit. p.48. O mais assombroso é que esta passagem é citada em vários livros sobre a história da Igreja no Brasil, como se fosse líquido e certo que os conselheiristas comemorassem as festas religiosas desta forma. Vide, por exemplo, Libânio, João B. e Maria Clara L. Bingemer. *Escatologia Cristã*. Petrópolis. Vozes. 1985. p.51. Os absurdos sobre Antonio Conselheiro e o arraial de Belo Monte parecem intermináveis. Para a cineasta Sandra Werneck, que fez um curta metragem sobre Canudos relacionando-o com o Brasil atual, “o traficante de drogas, hoje, tem a mesma função de líder comunitário que o Conselheiro tinha em Canudos.” Ver *O Estado de São Paulo*. Caderno 2. 20 de março de 1992. p.12.

camadas cultas do Império Romano obrigou os padres da Igreja a enfrentar o desafio de se confrontar com a filosofia grega, aceitando inclusive os seus paradigmas: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, apesar da distância no tempo histórico, são os maiores representantes desta tendência.

Desde o início do cristianismo, o surgimento das heresias apontam para uma experimentação concreta da fé. As utopias heréticas se transformam em momentos de materialização do futuro - espaços de resistência -, onde a comunidade, com todas as limitações históricas, viabilizava seu projeto de vida, dando ao mundo um sentido: o da salvação. A construção destas utopias que muitas vezes se estenderam durante décadas - tornava suportável a vida para os pobres e miseráveis. O sinal de um novo tempo conduzia a comunidade para uma fé dinâmica, entrelaçada com a vida cotidiana, onde amar o Senhor deixava de ser fórmula vazia, se constituindo em sinônimo de transformação social. Ài residia o maior perigo para os dominantes: a fé, ao invés de estar congelada, distante da vida, é o agente da mudança, pois a plenitude religiosa não se coaduna com a dissociação entre os mundos secular e sagrado.

Não sendo mais possível limitar dentro dos parâmetros oficiais da Igreja a inquietude religiosa e a busca incessante dos mistérios da fé, a instituição Igreja secularizou-se rapidamente: ao invés de estar no mundo, passou a ser do mundo. Cada vez mais foi se ampliando a distância entre a vida terrena e vida eterna: os nexos entre uma e outra foram banalizados.

A fé mística - como a dos beatos e profetas - é uma dura crítica à trivialidade dos rituais e sacramentos, ao automatismo das cerimônias e à predominância do aparato decorativo no culto. Na busca de Deus, o fiel encontra na Igreja institucionalizada um obstáculo para a salvação apesar dos esforços seculares de transformá-la em um instrumento da vontade do Senhor.

No cristianismo brasileiro a religião não é apenas um complemento da vida, com rituais e sacramentos previamente determinados, onde a rotina substitui a comunhão com Deus. O espaço da religiosidade sertaneja foi limitado pelo racionalismo doutrinário imposto pela romanização. O Deus vivo foi substituído pelo Deus morto. Cristo afastado do mundo, transformado em uma imagem. A alegria e os tormentos da fé são deslocados pelos rituais romanos que tentam domesticar o cristão. Mas a vida religiosa manteve seu próprio movimento, independente da Igreja e da hierarquia. Isto não significou que houvesse oposição entre os fiéis e o padre: a função sacerdotal continuava sendo exercida pelo padre, só que ele não representava o elemento central na religiosidade da comunidade.

A relação com Deus praticada pelos beatos é distinta daquela defendida pelo catolicismo romano, assim como das concepções protestantes do chamamento ou da predestinação. Atribui-se enorme importância ao impulso religioso pessoal, o que historicamente foi motivo de desavença com a Igreja Católica, pois possibilita uma vida religiosa distante do controle da hierarquia eclesiástica: para o clero, fé é sinônimo de doutrina, autoridade e de Igreja. Não é meramente casual que aqueles que procuraram viver radicalmente o ideal religioso cristão em diferentes momentos da história ocidental foram perseguidos por Roma.

A Igreja Católica lutou para domar a religiosidade autônoma, estendendo o seu domínio a todas as esferas do sagrado - e Canudos é o maior exemplo. Não obteve sucesso pois superior a sua força, ao seu poder, havia a inquietude espiritual, a busca incessante de Deus e a impossibilidade de reduzir esta prática à rotina institucional da Igreja. O alimento desta fé revolucionária foi o sonho eterno de retornar à árvore da vida.

DO CEARÁ, TRÊS SANTOS DO NORDESTE

*Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros
Antropóloga, Profª da UERJ*

Estudando-se a religiosidade popular do Nordeste, chama a atenção uma singularidade: as três principais figuras míticas da crença do povo - o Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro e Padre Cícero são filhos do Ceará. Além dessa origem, elementos históricos e sociológicos em diferentes níveis constituem-se pontos coincidentes na trajetória de vida desses homens que têm também como fator de identidade serem objeto do imaginário das mais pobres camadas sociais da população nordestina. Em nossa perspectiva, o que determina a importância do estudo desses personagens é sua pertinência a uma cultura singular, tipicamente plasmada a partir da ideologia católica, trabalhada, vivida e transfigurada pelos setores mais distantes na hierarquia social, dos grupos dirigentes, tanto a nível de Estado quanto ao de Igreja.

Sem significar um privilegiamento de enfoque, refletiremos inicialmente sobre a coincidência da situação geográfica e temporal de suas existências. No parágrafo introdutório desse trabalho poderíamos ter usado a expressão - "nasceram no Ceará". Mas diríamos pouco em relação à perspectiva pela qual analisamos suas personalidades, marcadas todas elas por traços comuns de convivência com o lado violento da natureza regional - (a seca), por um sentimento telúrico revelado nos menores gestos, nas lembranças de um anejar pelos verdejantes Cariris Novos, no sofrimento da vida na sociedade nordestina da segunda metade do século XIX.

A longa agonia da crise econômica do Nordeste que se arrastava desde o início do Século XVIII, vai eclodir ao nível do social, na primeira metade do século XIX, nos vários levantes armados dos quais os mais importantes, segundo a historiografia oficial, foram 1817 e 1824. Foram as últimas tentativas de as